

Objetividade e engajamento no jornalismo feminista: uma convivência possível?¹

Hyvana RODRIGUES²
Sonia AGUIAR³
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO

O presente trabalho, que é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, busca refletir a respeito do autodenominado jornalismo feminista, tendo como contraponto o critério da objetividade, considerado como um dos pilares do exercício da profissão e das teorias do Jornalismo. Essa contraposição faz-se necessária pelas críticas ao que se entende por jornalismo engajado e aos profissionais que nele atuam. Para melhor compreender esse embate, apresentamos uma breve discussão sobre o conceito de objetividade jornalística, seguida de exemplos práticos que indicam a possibilidade de convergência entre o postulado da objetividade como indicador de profissionalismo e as perspectivas de gênero expressas nas pautas, de modo a legitimar o jornalismo feminista como uma das vertentes do jornalismo especializado, mas obrigatoriamente engajado nas questões do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo feminista; objetividade jornalística; jornalismo engajado; jornalismo especializado; jornalismo profissional.

INTRODUÇÃO

Até vinte anos atrás, a expressão “jornalismo engajado” era tratada pela categoria dos profissionais da área como sinônimo de jornalismo parcial, por ser comprometido (no sentido negativo) com uma “causa” e não com a objetividade do relato. E as principais “vítimas” dessa condenação generalizada eram os “jornalistas interessados em ampliar e aprofundar a cobertura dos temas relacionados ao meio ambiente (...) que cobririam os temas ecológicos com paixão, o que seria antijornalístico” (AGUIAR, 2003, p.151). Por isso, muitas vezes eram vistos com desconfiança por colegas de redação, que os consideravam mais militantes ou ativistas do que profissionais.

Alguns chegam [chegavam] a chamá-los ironicamente de INGs – Indivíduos Não-Governamentais – ou ferinamente de “ecochatos”. Mas raramente alguém faz esse tipo de crítica aos jornalistas esportivos, particularmente os setoristas de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, no XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Sociedade do PPGCOM-UFS, e-mail: hyvanarodrigues@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa, Dr^a em Comunicação e professora do PPGCOM-UFS, e-mail: saguiar@academico.ufs.br

futebol, que cobrem apaixonadamente as partidas, os clubes – e, sobretudo, a Seleção [Brasileira] – como se fossem torcedores, sem a menor preocupação com a imparcialidade (Idem).

De lá pra cá, porém, a expansão dos movimentos sociais em defesa de múltiplas causas e a emergência, no ambiente digital, de um ecossistema midiático alternativo aos meios comerciais fez surgir miríades de sites criados e conduzidos por jornalistas engajados. A pesquisa da qual este artigo é derivado é fruto desse processo e tem como objetivo compreender de que forma o jornalismo feminista se constitui como uma das vertentes do jornalismo especializado, porém sob o estigma de “jornalismo engajado”, em relação ao qual o exercício da objetividade, tido como um dos pilares do jornalismo profissional, é o principal ponto de tensionamento. É esta relação entre a objetividade jornalística e o jornalismo engajado em “causas” que buscamos compreender neste artigo, ampliando o olhar também para novas práticas de jornalismo profissional que colocam esse postulado em xeque.

Nesse sentido, apresentamos um resgate das origens do conceito de objetividade no século XIX, buscando situar como ele foi aplicado ao jornalismo e a partir de quais interesses sociais e econômicos. Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre jornalismo engajado, com o apoio da perspectiva revolucionária de Adelmo Genro Filho e práticas do jornalismo feminista, com sua proposta de mudança das condições de vida das mulheres a partir da informação e do conhecimento. Ainda no sentido de um olhar feminista sobre as questões jornalísticas, expomos uma proposta de objetividade a partir dessa ótica. Por fim, nos propomos a entender como esses conceitos são vistos na prática e quais recursos são utilizados na produção de um jornalismo engajado, especialmente o focado nas causas feministas.

Para isso foram elencadas algumas perguntas iniciais: como o jornalismo engajado encontra-se dentro da questão ética da objetividade? Como a proposta de ter uma objetividade que considera as questões subjetivas funciona na prática? Quais outras ferramentas e recursos podem auxiliar nesse processo? A partir dessas questões vamos buscar entender como o jornalismo engajado se encontra, ou não, com essas propostas de objetividade, entendendo que este é um exercício experimental para buscar compreender mais sobre os conceitos que embasam o jornalismo tradicional e como tem sido construída a relação entre as esferas do jornalismo tradicional e a proposta de um jornalismo que

ocupa um lugar que vai além da transmissão da informação, mas que se coloca em um lugar de engajar determinadas pautas e dar espaço a grupos e vozes pertencentes a uma causa.

A objetividade jornalística está presente no conjunto de conceitos que formam a base do que conhecemos como jornalismo profissional. Contudo, muitas pesquisas contemporâneas têm apresentado reflexões e releituras acerca desse tema, sob diferentes perspectivas. Inicialmente a objetividade é tida como um método para reconstituição dos fatos, livre de visões e subjetividades de quem os relata. A ideia é que os “fatos pelos fatos” sejam expostos sem a interferência do locutor, pois assim se encontra o “bem maior” do jornalismo: a verdade. Por ser representante da busca de algo tão complexo, a objetividade jornalística tem sido fortemente questionada e tensionada nas rotinas profissionais e observada com olhar crítico pelos estudos acadêmicos.

A atenção dos jornalistas para essas questões remonta ao século XIX, no período de afirmação da razão e ascensão dos pensamentos positivistas e da ciência como detentora das explicações do mundo (BRIXIUS, 2006, p. 17). É nesse momento que se dá ênfase à fidelidade aos fatos, acima de qualquer visão opinativa e interpretativa, perspectiva que se reflete nos jornais da época. É nesse contexto que o conceito começa a ser desenvolvido e aplicado nas rotinas de produção do jornalismo (idem), forjando um método “objetivo” de narração dos fatos. O conceito se fortifica na passagem para o século XX, com a perspectiva de um jornalismo comercial e da consolidação dos modelos de jornalismo industrial nos Estados Unidos, com suas técnicas de redação, como o *lead* e a pirâmide invertida.

Nos EUA, o jornalismo passa a ser centrado nos fatos e cada vez menos na opinião, gerando uma cisão entre o jornalismo informativo e o opinativo (BARROS FILHO, 2003 *apud* LEITE JUNIOR, 2017). A partir do marco da *penny press*⁴, que se apropriou de forma rigorosa da prática e trouxe a preocupação com as questões que envolvem a credibilidade do jornal, como imparcialidade e equilíbrio, houve uma difusão mais ampla do conceito de objetividade jornalística para o mundo ocidental.

⁴ Expressão atribuída aos jornais baratos, em formato tabloide, que surgiram nos anos de 1830, nos Estados Unidos, para venda em massa, marcando a mudança da impressão artesanal para a impressão a vapor (industrial). São os ancestrais dos “jornais populares” que circulam no Brasil desde os anos de 1990, no mesmo formato, porém sem a mesma objetividade.

Como afirma Gaye Tuchman, autora do clássico “A objetividade como ritual estratégico” (1993, p. 75): “Para os jornalistas, como para os cientistas sociais, o termo ‘objectividade’ funciona como um baluarte entre eles e os críticos”, ou seja, como uma forma de os profissionais se protegerem. Para esta socióloga estadunidense, a objetividade é um ritual estratégico presente na rotina dos profissionais, que seguem os procedimentos necessários para “garantir” a qualidade da notícia. Esses passos são: avaliação do que é ou não notícia; apresentação de provas auxiliares que complementam a fala do repórter; uso de citações, que pode ser feito para retirar a presença do profissional da notícia; a estruturação da informação em ordem hierárquica, a famosa “pirâmide invertida”.

Em sua pesquisa, Tuchman (1993, p. 81) aponta que “os fatos não falam por si” e que “a aceitação de ‘fatos’ está extremamente dependente dos processos sociais”. Entendemos que os processos de interpretação estão ligados aos contextos sociais de quem realiza a leitura dos fatos. É uma ação de construção de sentido que não desconsidera os conhecimentos prévios do indivíduo, como não desconsidera também o seu olhar crítico sobre os acontecimentos. Porém, o conceito de objetividade acaba sendo utilizado em uma dimensão tecnicista, que acaba ocultando da atividade jornalística o seu caráter político e o seu potencial transformador (MORETZSOHN, 2002). Se a narrativa é parte da construção social, então é papel do jornalismo fomentar debate sobre os fatos com base em informações, contextos e posicionamento crítico.

Outro embate gerado no que diz respeito à objetividade jornalística, e que também se aproxima dessa discussão clássica, é o distanciamento das subjetividades nos relatos, como se ambas não pudessem coexistir dentro do processo da construção da notícia. Como aponta Felipe Pena (2017), no texto “A teoria do jornalismo no Brasil após 1950”, fazer esse jogo de oposição é um erro, pois a subjetividade é intrínseca ao indivíduo e inevitável, razão pela qual a objetividade surge como um método para que seja possível, por meio dele, construir a narrativa dos fatos de forma mais aproximada ao que ocorreu, de maneira confiável e sem interferências (PENA, 2017; BRIXIUS, 2006).

Nos últimos anos, os debates sobre a objetividade se intensificaram. Há autores que a interpretam como um mito, outros a valorizam e defendem sua importância, buscando trazer o debate para os novos contextos da contemporaneidade. Nesse sentido, alguns autores propõem outras perspectivas acerca da questão, trazendo propostas que

incorporam a atenção às subjetividades do indivíduo. Mas o que parece ser a convergência de todas as ideias acerca da objetividade é o compromisso ético do jornalista com seu método de trabalho, que se reflete tanto na “representação da profissão quanto na produção do sentido da informação e na própria definição do que merecerá o status de notícia” (MORETZSOHN, 2002, p. 13), garantindo que o fato está sendo narrado de maneira elucidativa e com o propósito de informar a população.

A noção de objetividade jornalística é frequentemente encontrada nos estudos que observam a relação entre jornalismo e feminismo. Como dito anteriormente, essa objetividade é colocada como um valor fundamental do jornalismo, que também implica características de neutralidade e imparcialidade. Porém, dentro da perspectiva feminista, a objetividade jornalística ganha novos contornos e interpretações. Assim, a pesquisa da qual emerge este artigo busca investigar o lugar da objetividade também a partir de um tensionamento proposto pelas ideias feministas, bem como compreender como esses novos olhares se consolidam e são aplicados na prática.

A pesquisadora Márcia Veiga da Silva (2010;2021) define a prática jornalística como masculinista, por ser historicamente construída sobre valores associados ao gênero masculino, como competitividade (da qual resulta a ideia do “furo” jornalístico), distanciamento, neutralidade, força, objetividade, enquanto características como subjetividade, delicadeza e cooperação são atribuídas ao feminino e não se encontram nas rotinas da profissão. Como a autora afirma, “gênero é constitutivo não apenas dos sujeitos, mas também das instituições, e se intersecciona com as relações de poder e formação das hierarquias, seja entre pessoas, seja no âmbito das notícias” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 100). Por isso, a “objetividade tradicional” também segue as lógicas masculinistas atribuídas ao jornalismo, o que se reflete nas rotinas da profissão. É justamente nesse ponto que há o tensionamento entre a objetividade e as práticas do jornalismo engajado para o feminismo, ou jornalismo feminista.

Contudo, outros postulados caros ao jornalismo também passam por esse tensionamento quando se busca investigar se profissionalismo e engajamento são passíveis de coexistência. A pesquisadora Jessica Gustafson Costa (2019), por exemplo, pautou sua pesquisa de mestrado sobre o *newsmaking* pela observação do Portal de Notícias Feministas⁵, apresentando tensionamentos e ressignificação da ideia de

⁵ Nome fictício utilizado na pesquisa para manter o anonimato do portal analisado.

objetividade. Para tal, a autora trabalha com o conceito de objetividade corporificada de Donna Haraway (1995, *apud* COSTA, 2018, p. 57), que entende que todos os conhecimentos são localizados e que não há separação entre sujeito e objeto no qual o saber está posicionado. Ou seja, se existe um “lugar” por onde a situação é vista e interpretada, existe um alguém carregado de significados e subjetividades que olha e relata, sem imparcialidade.

A partir dessas ideias, a pesquisadora aponta para a possibilidade de uma objetividade feminista no jornalismo, que trabalha o “exercício de reflexão constante tanto sobre os enquadramentos das notícias quanto na relação com as fontes. [...] não despreza a subjetividade, mas a valoriza ao apostar nas nuances subjetivas que são inerentes ao trabalho [das jornalistas que fazem o jornalismo feminista]” (COSTA, 2019, p. 198).

JORNALISMO ENGAJADO E JORNALISMO FEMINISTA

O jornalismo que se propõe a trazer visões de mundo que são por muitos silenciadas não é um jornalismo “imparcial”; ele carrega em si as ideias de mobilizar e transformar a sociedade a partir do olhar atento a determinadas questões sociais. Tais ideias estão dentro do espectro do que podemos chamar de jornalismo engajado, que busca expor problemas sociais e divulgar projetos de luta em prol das melhorias desejadas, como também orientar acerca do papel do próprio ativismo (DORNELLES, 2008; BELMONTE, 2017). A expressão alinha-se a termos como jornalismo comunitário, popular, *advocacy*, emancipatório, que por sua vez podem ser observados por meio da perspectiva do “jornalismo revolucionário” proposto por Adelmo Genro Filho.

No artigo “Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo: 30 anos de O Segredo da Pirâmide”, Felipe Simas (2017), além de passagens da vida e carreira do autor analisado, traz uma discussão sobre os conceitos centrais da obra dele e a sua atualidade frente às transformações que vêm acontecendo no jornalismo. É possível perceber como as visões de Genro Filho colocam o jornalismo no lugar de agente mobilizador, com função social de transformação, que busca por justiça e igualdade, com o objetivo de olhar para os acontecimentos com visão crítica e romper com pensamentos hegemônicos. É rompendo com essas visões que são tomadas como verdade que o jornalista deve

“oferecer formas de pensar que detectem o abismo que existe entre o que se pensa sobre a realidade, o que é a realidade e como agir na realidade para transformá-la. Nesse sentido, conectamos o jornalismo à atividade democrática, ao seu potencial crítico e revolucionário” (SIMAS, 2017, p. 179).

Essas ações são pensadas com a proposta de que o jornalismo é fonte de conhecimento de mundo, principalmente conhecimento crítico acerca dos fenômenos. Assim, o jornalismo revolucionário pode se apropriar de outras teorias que agreguem recursos à sua proposta, como por exemplo, as ideias de Paulo Freire (1967) acerca do conhecimento para a ação, que entende que é a partir da educação, do conhecimento e do saber crítico que será possível ter uma responsabilidade social e política que proporcione mudanças.

Como o presente trabalho propõe-se a observar a perspectiva da objetividade no jornalismo feminista, é necessário entender um pouco como esse jornalismo tem se constituído e como ele se posiciona frente a essas definições. O jornalismo que se coloca como feminista vem desse lugar que busca educar, conscientizar e contribuir para a transformação na vida das mulheres e assim, de toda sociedade, fazendo escolhas conscientes e intencionais sobre o que é, ou não, publicado, partindo do ponto de trazer o jornalismo para o lugar de ação e não apenas de mero observador da realidade.

A questão da objetividade trazida nos trabalhos que possuem a proposta de olhar para o jornalismo engajado e feminista, perpassa a ideia de que a “imparcialidade”, por meio do distanciamento do fato, não cabe dentro de um jornalismo que se coloca ao lado de uma causa e engaja, como é o caso do jornalismo feminista. Porém, a orientação de pautas mais aproximadas do objeto, do fato e da fonte não quer dizer que não existam critérios de apuração objetiva das informações, e sim que as jornalistas exercem um papel mais ativo na contextualização dos fatos que narram. Ou seja, os fatos são narrados a partir de um lugar, um corpo, que coloca nessa narrativa suas subjetividades, ideias, experiências e formas de compreender o mundo.

Além dessas questões, existe o rompimento com as ideias hegemônicas que perpassam discursos dominantes propagados como verdade e que estão fixados no repertório popular, como por exemplo questões que envolvem e afetam profundamente a vida e a trajetória das mulheres, como violência doméstica e aborto. Ao serem relatadas pela mídia *mainstream*, fatos relacionados a essas temáticas acabam por reforçar ideias

que foram construídas à revelia das mulheres, que não são ouvidas e sim representadas pelas instituições, reforçando assim um modelo de comunicação verticalizado de cima para baixo. Pensando nesse contexto, o jornalismo feminista se propõe a dar voz para as mulheres e a construir outras narrativas sobre essas e outras questões relacionadas a gênero, a partir de uma ética do cuidado (GARCEZ, 2020), inclusive tensionando as práticas tradicionais do jornalismo que ajudam a perpetuar determinados padrões.

A RESPONSABILIDADE DAS JORNALISTAS NA APURAÇÃO

Refletindo sobre essas perspectivas, podemos pensar: como o jornalismo engajado se encontra dentro da questão ética da objetividade? Como a proposta de ter uma objetividade que considera as questões subjetivas funciona na prática? Quais outras ferramentas e recursos podem auxiliar nesse processo? A partir dessas questões vamos buscar entender se e como o jornalismo engajado se encontra com essas propostas de objetividade.

Para isso, buscamos exemplos de como o jornalismo engajado, especificamente o jornalismo feminista, vem tensionando ou até mesmo rompendo com determinados conceitos e mesmo assim continua produzindo jornalismo profissional de qualidade, com informações verídicas, com concepção ética e crítica. Nesse sentido, acreditamos que a objetividade pode ser encontrada de diferentes formas e em diferentes “formatos” dentro dessas propostas de jornalismo. Neste tópico vamos expor algumas dessas formas e refletir sobre os aspectos encontrados.

Quando falamos em jornalismo engajado o conectamos com a ideia do ativismo das pessoas que estão na produção dessas informações. Uma suposição coerente, já que existe um interesse específico em prol de uma determinada causa e, principalmente, dá voz a grupos que estão erguendo determinadas bandeiras. Nesse sentido, surge uma pergunta: Se as jornalistas são ativistas até onde essa relação vai quando se está fazendo jornalismo?

Em sua pesquisa sobre Jornalismo Feminista, Costa (2018) aborda essa demarcação entre o ativismo e a autonomia jornalística. A partir de entrevistas, a autora apresenta a perspectiva das profissionais do portal por ela analisado e vemos que o

ativismo das jornalistas ocupa um lugar diferente do jornalismo produzido por elas. Junto à fala de uma das entrevistadas para a pesquisa a autora diz:

Alguns setores dentro da militância feminista têm uma expectativa de que o portal irá reverberar apenas a opinião deles, com exclusividade neste espaço de visibilidade. “A gente fica tentando ter aquele distanciamento, que ora você ajuda, dá aquela mãozinha, oh companheiro vamos lá, e ora a gente se distancia para dizer que a gente está aqui para fazer jornalismo” (GLÓRIA, 2018, S/N, apud COSTA, 2018, p. 157).

Essa fala representa o quando as questões éticas em relação ao jornalismo são consideradas nesse caso e contexto. Mesmo sendo um portal que produz jornalismo engajado e ativista, existe o compromisso com a informação que está sendo publicada, que não é feita para atender interesses individuais, mas sim para levar as informações de forma comprometida. Dentro da rotina do portal analisado, “o enquadramento será definido a partir de preceitos éticos e práticas da profissão valorizados por elas, não sendo necessariamente o mesmo defendido pelo movimento” (COSTA, 2018, p. 158). Ou seja, as situações serão abordadas e relatadas com tal compromisso que o jornalismo exige.

Claramente não podemos tomar esta conduta de forma generalizada, mas o caso serve para ilustrar o comprometimento com o jornalismo e com a verdade proposta pela objetividade, porém, como aborda o conceito de Donna Haraway (1995 *apud* COSTA, 2018), anteriormente apresentado, essa vem de um lugar localizado e consciente. Como a proposta do jornalismo feminista é ser espaço de mudança, esse ambiente é utilizado para dar visibilidade e voz às mulheres, tornar os assuntos oficiais e legitimar as reflexões que são lançadas para debate público. Nesse sentido também podemos ver a atenção com a escolha das fontes que vão trazer as informações para as matérias, procedimento fundamental para que as vozes das mulheres e pessoas marginalizadas sejam priorizadas e protagonizem a narrativa das suas próprias histórias.

Além disso, existe o cuidado e a atenção de forma empática com essas fontes, a aproximação e o diálogo aberto não só com elas, como também com as outras pessoas da equipe que participam da construção das matérias jornalísticas, como produtora, fotógrafa, editora e outras. Ao ler as entrevistas que Costa (2018) apresenta em sua dissertação é perceptível o quanto as profissionais desejam que a observação mais atenta seja abordada, não apenas em projetos isolados, mas que esteja presente no jornalismo

como um todo, que a visão aproximada, crítica e reflexiva seja parte das práticas cotidianas.

Sobre essa relação e as questões éticas, podemos destacar a aplicação de uma “ética feminista” e uma “ética do cuidado” na rotina. Na visão das jornalistas do portal analisado, esse é um olhar que vai além da pauta e das técnicas de apuração, pois enxerga a pessoa ou a causa à frente dela, que não é vista apenas como uma fonte, mas alguém cuja vida pode ser impactada pela reportagem que está sendo produzida. (Idem). É uma leitura atenta e subjetiva para além do fato em si que permite enxergar nuances que circundam as situações noticiadas, um olhar que, por vezes, é despercebido nas rotinas produtivas tradicionais e que precisa ser exercitado em todas as pautas. Sobre essas questões de proximidade Gustafson (2019), diz:

[...] o jornalismo feminista subverte esse distanciamento [da objetividade], se aproximando e dialogando mais abertamente com as pessoas envolvidas na construção das matérias jornalísticas e não se eximindo de sua responsabilidade enquanto sujeitos que enxergam o mundo a partir de uma localização social específica. [...] um movimento de abertura e não de fechamento em busca de verdade única, que será sempre excludente (GUSTAFSON, 2019, S/N).

Um dos recursos crescentemente utilizados em veículos de jornalismo engajado é o modelo de jornalismo guiado por dados, ou jornalismo de dados. Com a disseminação e popularização do uso de computadores e da internet nas redações a partir dos anos 2000, o uso de dados públicos e a sua coleta passou a ser uma das bases para a produção jornalística. Tal produção está atrelada ao uso de tecnologias de *softwares* para realização de coleta e exposição das informações produzidas a partir desses dados. (GEHRKE, 2017). Segundo a autora, esse modelo de jornalismo está ligado à objetividade como também à ciência, devido às ideias de aplicação de métodos de precisão que buscam trazer informações concretas e objetivas sobre determinada questão.

Em relação a como tais ferramentas e informações interferem no trabalho das jornalistas, Marília Gehrke traz:

Meyer (1991) entende que o uso de ferramentas de amostra, análise em computador e estatística inferencial não alteram a natureza do trabalho do repórter, mas alavancam seu potencial. “O método científico oferece uma forma de deixar os acontecimentos objetivados, medidos e nomeados” (MEYER, 1991, *apud* GEHRKE, 2017, p.7).

Assim, o jornalismo de dados praticado por veículos independentes no ambiente digital torna-se uma ferramenta fundamental de legitimação do jornalismo engajado, pois opera objetivamente a partir de dados selecionados a partir do posicionamento da “causa” em questão. Dentro do contexto do jornalismo que trabalha com perspectiva de gênero e o jornalismo feminista, veículos como Gênero e Número⁶, Think Olga⁷ e a Revista AzMina⁸ vêm atuando, em maior ou menor proporção, com produção e/ou publicação de dados. Neste trabalho serão destacados exemplos dessa última, que tem como slogan “Jornalismo e tecnologia pela igualdade de gênero”.

A AzMina é um portal de revista digital que se apresenta como feminista e independente, fundada em 2015 por um time de jornalistas mulheres, com o suporte de um financiamento coletivo. Surge na internet e se consolida como um símbolo do uso dos recursos oferecidos nesse espaço, a Revista propõe como missão o combate ao machismo por meio do acesso à informação, que é propagada em diferentes formatos em suas plataformas no ambiente digital. A AzMina está vinculada a um Instituto de mesmo nome, no qual são desenvolvidos projetos que atuam em diferentes frentes de combate à violência de gênero, inclusive com o uso de recursos tecnológicos.

Além de site, perfis nas redes sociais digitais, *bots*, canal de vídeos e aplicativo, a Revista possui um grande projeto baseado em dados, o Elas no Congresso⁹, que utiliza dados públicos para realizar o monitoramento dos direitos das mulheres nas discussões e propostas pelo Congresso Nacional Brasileiro. Além disso, acumula em seu acervo um grande volume de reportagens baseadas em dados, como a série “Um vírus duas guerras”¹⁰, produzida para o projeto Colabora em parceria com outros veículos de jornalismo independente do Brasil, que traz relatórios sobre a violência contra a mulher em diferentes lugares do País durante a pandemia da Covid-19.

Outro ponto a destacar é o projeto MonitorA, um observatório que acompanha ações de violência política contra candidatas nas plataformas de redes sociais digitais, que atuou durante as eleições municipais de 2020, abrangendo candidaturas femininas de diferentes regiões do Brasil. Nesses dois casos é interessante observar a articulação entre os veículos e outras iniciativas para fortalecer e propagar tais informações com

⁶ <https://www.generonumero.media/>

⁷ <https://thinkolga.com/>

⁸ <https://azmina.com.br/>

⁹ <https://www.elasnocongresso.com.br/>

¹⁰ Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/especial/um-virus-e-duas-guerras/>

profundidade. Outro fator para pontuar, algo crucial para o jornalismo de dados, que o valida, é a explicação da metodologia utilizada e a forma como ela foi aplicada para chegar às informações publicadas. No caso das reportagens da MonitorA, essa metodologia é encontrada nas reportagens, como também em um espaço exclusivo que apresenta todo o projeto¹¹.

Um exemplo do uso do jornalismo guiado por dados da revista é a reportagem “Mulheres jornalistas recebem mais que o dobro de ofensas que colegas homens no Twitter”¹². Publicada no final de 2021, a matéria traz informações para o próprio meio sobre problemas enfrentados pelas mulheres jornalistas, inclusive alertando sobre ataque à liberdade de imprensa dessas profissionais por meio de discurso misógino, como a própria reportagem aponta (SANTANA, 2021). Ou seja, são dados que embasam uma denúncia jornalística junto a um discurso de conscientização na busca por mudanças. São informações veiculadas com o objetivo de gerar um conhecimento em busca de ações, que no sentido exposto nas reportagens são ações de combate às respectivas violências.

Além do recurso do uso dos dados, é interessante observar a forma como os mesmos são apresentados nas reportagens, com uso de infográficos que facilitam a leitura, imagens, legendas claras e descrições pertinentes, sempre oferecendo um olhar não-passivo e crítico sobre o que é apresentado. Isso nos faz refletir sobre as possibilidades de trabalhar com a objetividade que os dados trazem, propagando o conhecimento localizado a partir da forma como essas informações são expostas e as reflexões sobre elas. Mesmo que não haja um debate acerca do que é apresentado, os números podem falar por si só, mas é necessário conhecimento que contextualiza e provoca ações para a mudança.

Considerando a reflexão proposta neste artigo e os exemplos apresentados, podemos entender que as jornalistas que atuam em um veículo especializado em causas feministas são capazes de produzir informações objetivas, sem abrir mão de um posicionamento engajado na causa, o que não invalida ou desqualifica o jornalismo aí produzido por meio das mesmas técnicas de apuração utilizadas pelo jornalismo reconhecido como profissional.

¹¹ Disponível em: <https://azmina.com.br/projetos/monitora/>

¹² Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>

A objetividade, então, que pode dar vazão aos projetos feministas dentro do jornalismo se demonstrou corporificada, pois assume que o sujeito está presente em cada escolha, olhar, palavra, enquadramento, aspas, manchete ou qualquer outro recurso que se dispuser para a prática jornalística (COSTA, 2018, p. 200).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa breve reflexão acerca da objetividade jornalística, como ela foi constituída e uma nova visão que podemos lançar sobre ela, é possível considerar alguns aspectos a respeito de tudo isso que têm se manifestado especificamente no jornalismo engajado. Primeiramente é perceptível que existe um tensionamento desse modelo de jornalismo com os cânones da profissão, que acontece com a intenção de abrir espaço para o novo, seja para novos olhares como também para novas vozes.

É perceptível que o jornalismo feminista tem o compromisso ético com as práticas profissionais, pois entende que é papel do(a) jornalista e do jornalismo sustentar uma legitimidade para a sociedade e isso não depende apenas dos cânones, mas também da ética profissional (GUSTAFSON, 2019; COSTA, 2018). Nesse sentido, o jornalismo de dados é operado como uma ferramenta de legitimação do jornalismo feminista, já que traz informações objetivas que contextualizam fatos e situações a partir de uma visão crítica. Assim como outros recursos pertinentes às rotinas jornalísticas, o jornalismo guiado por dados auxilia a mostrar como essa forma engajada de fazer jornalismo também possui credibilidade, tem comprometimento com a verdade e com a informação.

Dessa forma, mesmo com todas as diferenciações, o jornalismo vai estar ligado à suas bases, seja a partir das visões originais ou de posicionamentos atualizados e ressignificados, pois é o jornalismo que trará credibilidade para tais ações e é a partir disso que as novas propostas serão construídas e consolidadas. Como afirma Moretzsohn (2002, p.12), esse movimento faz um retorno a um “ideal da profissão” ao contrariar o discurso tecnicista que utiliza a objetividade para disfarçar, ou até mesmo esconder, a produção de sentido que a notícia carrega. Acreditamos que por ser um tema que tensiona as bases do jornalismo, existe muito o que explorar em relação a objetividade e as visões atualizadas que são postas sobre ela.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. Formação da cidadania: comunicação e informação da sociedade. In: LOUREIRO, Carlos F.B. (org.). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003. p.131-164.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira da História da Mídia**. [s. l.], v. 6, n. 2, p. 110-125, Jul/Dez 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 25 set. 2021.

BRIXUS, Leandro José. **Objetividade jornalística**: Um estudo a partir das rotinas de produção das editorias de política de Zero hora e Correio do povo. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2006.

COSTA, Jessica Gustafson. **Jornalismo feminista**: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2018.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. **Brasilian Journalism Research** (Versão em português). v. 1. n 1. p. 121-131 Jul./Dez. 2008. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167/166>. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GARCEZ, Bibiana. **O jornalismo alternativo atento às mulheres**: Uma análise dos portais brasileiros Revista AzMina e Gênero e Número. Dissertação (mestrado) - Universidade de Coimbra, Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Mestrado em Jornalismo e Comunicação, Coimbra, 2020.

GEHRKE, Marília. O resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - 15º SBPJor, 2017. **Anais [...]** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354582269>. Acesso: 19 de Jan. de 2022.

GUSTAFSON, Jessica. “Jornalistas e feministas”: livro aborda a prática do Portal Catarinas. [Entrevista concedida a] Paula Guimarães. **Portal Catarinas**, Online, 2019. Disponível em: <https://catarinas.info/jornalistas-e-feministas-livro-aborda-a-pratica-do-portal-catarinas/> Acesso em: 27 de Nov. de 2021.

LEITE JUNIOR, Edson Francisco. A Necessidade da Atualização do Conceito de Objetividade Jornalística: do mito ao método. In: IV Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro, 2017, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo, Intercom, 2017. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/pensacom2017/lista_area_gt1.htm. Acesso em: 28 de Jan. de 2022.

MORETZSOHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política. **BOCC Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. LabCom–Laboratório de Comunicação On-Line: Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, p. 1-14, Anual 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo no Brasil - após 1950**. Felipe Pena, 2017. Artigos. Disponível em: <http://www.felipepena.com>. Acesso em: 25 de Jan. de 2022.

SANTANA, Jamile. Mulheres jornalistas recebem mais que o dobro de ofensas que colegas homens no Twitter. **Revista AzMina**, São Paulo, 23 de novembro de 2021. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/>. Acesso em: 20 de Jan. de 2022.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: teorias, questões e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. p. 74-90.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, UFRGS, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>. Acesso em: 12 Jun. 2022.

_____, Márcia. O jornalismo deve contribuir para a ruptura do sistema. Entrevista concedida a Fabiana Moraes e Marta Maia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.18, n.1, p. 271-284. jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/82519>. Acesso em: 19 Jan. 2022.

_____, Márcia. MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. **Anais [...]** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora/>. Acesso em: 19 Jan. 2022.